

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

AMANDA LARISSA RODRIGUES DE PAULA

**REFLEXOS DA CONTEMPORANEIDADE: MATERNIDADE EM O
CONTO DA AIA, DE MARGARET ATWOOD, E EM *WESTWORLD*, DE
JONATHAN NOLAN E LISA JOY**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2019

AMANDA LARISSA RODRIGUES DE PAULA

**REFLEXOS DA CONTEMPORANEIDADE: MATERNIDADE EM O
CONTO DA AIA, DE MARGARET ATWOOD, E EM WESTWORLD, DE
JONATHAN NOLAN E LISA JOY**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso Superior de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR *Campus* Pato Branco como requisito parcial do título de Licenciatura.

Linha de Pesquisa: Televisão e Literatura em Língua Inglesa

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariese Ribas Stankiewicz

PATO BRANCO

2019



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Amanda Larissa Rodrigues de Paula.**

Título: **Reflexos da contemporaneidade: maternidade nas obras "O conto da aia", de Margaret Atwood, e "Westworld", de Jonathan Nola e Lisa Joy.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em
06 / 12 / 19, pela comissão julgadora:


Prof. Dr.ª. Mariese Ribas Stankiewicz- UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca


Prof. Dr.ª. Mirian Ruffini- UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora



Prof. Dr.ª. Camila Paula Camilotti- UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:



Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi

Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês


Rosângela Aparecida Marquezi
SIAPE 6395042
Coordenadora do Curso de Licenciatura
em Letras Português-Inglês
UTFPR - Câmpus Pato Branco

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso

Dedico este trabalho primeiramente a Deus,
e aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha querida orientadora, Mariese, que me ajudou e me guiou durante todo o trabalho.

As professoras Camila e Mirian que aceitaram o convite para participar da minha banca.

À minha família que sempre acreditou em mim.

Aos meus amigos, os quais me incentivaram durante todo o processo, em especial ao Matheus.

A todos os professores do Departamento de Letras, que contribuíram para o meu crescimento profissional e acadêmico durante estes 4 anos.

*“Não importa o que aconteça,
continue a nadar.”*

Graham Walters
Procurando o Nemo, 2003.

RESUMO

PAULA, Amanda Larissa Rodrigues de. **Reflexos da Contemporaneidade: Maternidade em *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, e em *Westworld*, de Jonathan Nolan e Linda Joy**. 2019. 41 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus Pato Branco*, 2019.

Com os avanços tecnológicos, as relações humanas têm sofrido grave interferência. O mundo do aqui e agora têm evoluído, carregando princípios questionáveis em vários setores da humanidade, dentre eles o da concepção e o da geração da vida, e, concomitantemente, do relacionamento entre mães e seus filhos. Essas novas visões da sociedade resultaram em diversas leituras do mundo atual por meio de textos de vários escritores, roteiristas, em diversas ramificações artísticas. Neste Trabalho de Conclusão de Curso, foram verificadas duas dessas obras que refletem um futuro possível para este universo pós-moderno: o romance *O Conto da Aia* (2017), de Margaret Atwood, e a série televisiva *Westworld* (2016-), de Jonathan Nolan e Lisa Joy. Neste sentido, este estudo tem por objetivo analisar a maternidade no contexto da ficção científica, especificamente, nestes dois textos. Para fundamentação teórica, no que concerne aos estudos da ficção científica, foram importantes as leituras de Raymond Williams (2011). Também foram analisadas teorias do feminino, tais como a de Simone de Beauvoir (1967), de Michelle Perrot (2017) e de Marciano Vidal (2005). Este estudo, portanto, concluiu que a maternidade, além de afetar o desenvolvimento das personagens no enredo, aparece como reflexo da desumanização da nossa sociedade atual que valoriza o individualismo.

Palavras-Chave: Ficção Científica; Maternidade; Pós-Modernidade; *O Conto da Aia*; *Westworld*.

ABSTRACT

PAULA, Amanda Larissa Rodrigues de. **Reflections of Contemporary: Motherhood in Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale* and Jonathan Nolan and Linda Joy's *Westworld***. 2019. 50 p. Concluding Course Paper – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus Pato Branco*, 2019.

With technological advances, human relations have suffered serious interference. The world here and now has evolved, carrying questionable principles in various sectors of humanity, including conception and the generation of life, and, concomitantly, the relationship between mothers and their children. These new visions of society have resulted in various readings of the present world through the writings of various writers, screenwriters, in various artistic ramifications. In this Course Conclusion Paper, two of these works that reflect a possible future for this postmodern universe were verified: Margaret Atwood's novel *The Handmaid's Tale* (2017) and Jonathan Nolan and Lisa Joy's television series *Westworld* (2016-). In this sense, this study aims to analyze motherhood in the context of science fiction, specifically in these two texts. For theoretical foundation, regarding the studies of science fiction, the readings of Raymond Williams (2011) were important. Feminine theories, such as Simone de Beauvoir's (1967), Michelle Perrot's (2017), and Marciano Vidal's (2005) were also analyzed. This study, therefore, concluded that motherhood, in addition to affecting the development of the characters in the plot, appears as a reflection of the dehumanization of our current society that values individualism.

Keywords: Science fiction; Maternity; Postmodernity; *The Handmaid's Tale*; *Westworld*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Maeve e a filha mortas no centro do labirinto.....	23
Figura 2 Maeve carregando a filha morta.....	37

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	11
2.ALGUNS PONTOS SOBRE OS AUTORES E SUAS TEMÁTICAS.....	17
2.1. Margaret Atwood e a Importância de sua Obra	17
2.2. <i>O Conto da Aia</i> – Principais Aspectos Narrativos	19
2.3. Jonathan Nolan e Lisa Joy e a Criação de <i>Westworld</i>	21
3.A MATERNIDADE NA FICÇÃO CIENTÍFICA – REFLEXOS DA CONTEMPORANEIDADE	24
3.1. Ficção Científica e a Questão da Ética em <i>O Conto da Aia</i> e em <i>Westworld</i>	24
3.2. A Maternidade na Ficção Científica – Inerência do Feminino?	29
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

Há muito que se refletir sobre os séculos XX e XXI, a começar pelos avanços tecnológicos que mudaram nossas vidas drástica e abruptamente. Um mundo cheio de oportunidades e possibilidades, com plataformas e recursos digitais que simplificam o viver e auxiliam nas agitadas rotinas. Essas mudanças, no entanto, têm gerado transformações nas relações intrapessoais e interpessoais, tornando os seres humanos mais frios, imediatistas, impacientes, críticos e egoístas. Em outras palavras, as pessoas querem tudo agora e de seu próprio jeito, para satisfazer seus prazeres e necessidades momentâneas, independentemente do que custar ao outro. O afeto, a compreensão e a empatia são deixados de lado a cada dia. A maioria dos seres humanos vive em modo automático e um tanto robotizados, o que, com o passar do tempo, revela-se um indivíduo indiferente aos outros e apenas em busca de satisfação pessoal. Os Direitos Humanos ainda asseguram que muitos não passem dos limites que a ética e a moral propõem para se viver em sociedade.

Todavia, quais os resultados que a falta desses conceitos tão importantes para a vida em harmonia traria para nossas vidas? A ficção científica, desde *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley (1797-1851), tem explorado os limites do uso da ciência e o desejo em criar vida artificial. Além disso, trabalha, também, com as questões éticas que rodeiam essas suposições e invenções. Como o caso do conto “Superbrinquedos Duram o Verão Todo” (1969), de Brian Aldiss (1925-2017), em que o autor trata da criação de robôs e em diversos momentos questiona-se quem é o robô e quem é o humano, já que ao longo da narrativa o autor atribui características humanas à máquina e robotiza as ações humanas.

Para se pensar sobre tais questionamentos, foram escolhidos dois diferentes textos como base, os quais participam do *corpus* desta pesquisa: o romance *O Conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood, em uma tradução ao português feita por Ana Deiró, em 2017, e a série de televisão *Westworld* (2016-atualmente), dirigida por Jonathan Nolan e Lisa Joy. No primeiro encontra-se um ambiente dominado pela moral e princípios cristãos, em que as mulheres perdem todo e qualquer direito, sendo reduzidas a servas, divididas por um sistema de casta – sendo estas as Marthas, as Aias, as Tias e as mulheres dos comandantes. Essas mulheres, então, são privadas de suas vidas para seguirem o que seus comandantes ditam como a

vontade de Deus. Já no segundo texto, o espectador fica diante de um universo sem leis, em um parque de diversões futurista em que seus visitantes vivem histórias fictícias junto aos anfitriões (robôs) sem quaisquer restrições ou proibições éticas e morais. Tendo a maternidade como ponto central da análise, estudou-se que a questão da ética é um ponto crucial no desenvolvimento de ambos os textos.

Neste sentido, nesses dois universos opostos, temos duas personagens que buscam pela liberdade e necessitam ser protagonistas de suas próprias histórias, sendo o elo entre elas a maternidade. Offred, uma Aia, tem sua vida destruída com a queda da Constituição, período em que é separada de seu marido e filha para servir na casa de um comandante e de sua esposa, infértil, que desejavam ter um filho. A partir desse momento seus direitos e deveres são restritos e sua única função é servir com sua fertilidade para famílias que não podem gerar vida. No entanto, em nenhum momento ao longo da narrativa sua vontade é questionada, tendo diversas punições para as mulheres que não seguirem as novas leis. Offred encontra na maternidade forças para continuar e resistir a esse sistema imposto.

A maternidade cria também o “sentimento” de resistência na anfitriã androide Maeve Millay, uma cafetina na trama inicial do parque que, ao buscar pela e desenvolver sua consciência, tem resquícios da memória sobre uma possível filha. O questionamento sobre a maternidade e a vontade de viver sua própria história impulsionam a personagem a mudar o curso da história criada para ela.

A cena da pintura *Massacre da Coreia* (1951), de Pablo Picasso, é reproduzido em ambos os textos, em que homens apontam armas para mães e suas filhas. Esta dolorosa separação cria e guia suas narrativas e a forma como elas se desenrolam. Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso utilizou-se da ficção científica para explorar e investigar como a maternidade é apresentada na perspectiva de um ser humano e de um robô, e como esse conceito dialoga com a questão de ser protagonista de sua própria história.

No que se refere à comunidade acadêmica, estes dois textos têm sido analisados sob alguns vieses particulares. Entre os textos sobre *O Conto da Aia*, três artigos foram encontrados, sendo o primeiro intitulado “Representatividade Feminina na Política: Lições Retiradas de *O Conto da Aia* de Margaret Atwood” (2018). Neste, Lucas Lima e Milena Callegari, das áreas de Direito e Literatura, propõem uma discussão sobre a participação feminina na política, utilizando como exemplo a obra de Atwood, em que após a derrubada da Constituição, instaura-se

um regime autoritário, retirando todos os direitos femininos, inclusive os políticos. Em seu artigo, os autores então defendem a participação feminina nos setores políticos do Brasil, pois os direitos femininos são questionados a todo momento. E essa participação é fundamental para que obras como *O Conto da Aia* permaneçam apenas como ficção.

Já Ana Zukoski e André Tardivo (2018), em “‘Bendito seja o fruto’/‘Que o Senhor possa abrir’: distopia, religiosidade e repressão em *O Conto da Aia* (1985) de Margaret Atwood”, abordam as questões da repressão feminina por meio de conceitos religiosos. Estruturados em críticas feministas e em estudos de gênero, os autores propõem esse olhar sobre a estrutura do patriarcado que permanece ao longo da obra, e que se justifica pelos fundamentos bíblicos que o regime segue. Eliminando a participação feminina, reduzindo as mulheres apenas para os fins de reprodução.

Em “O Feminino como Excesso Obsceno em *O Conto da Aia* de Margaret Atwood”, Gabriela Grecca (2018), partindo dos estudos de Slavoj Žižek (2003) acerca do “excesso obsceno”, propõe um olhar para como uma sociedade estruturada na democracia regressa para um regime autoritário. Instaura-se, assim, uma fissura que permitiu retornar a uma sociedade patriarcal repressiva e autoritária. Desta forma, o artigo mostra que nenhuma base democrática é sólida o suficiente para permanecer inviolável, e que sempre haverá uma luta pelos direitos, seja para adquirir novos ou permanecer com os já existentes.

No que se refere às produções científicas acerca de *Westworld*, poucos foram os estudos encontrados. Em “Anfitriões: Delineando o Conceito de Pós-Humano na Série Televisiva *Westworld*” (2019), Lynn Alves e Maria Souza discutem acerca da linha tênue que separa humanos de andróides, e como essas características refletem o contexto escolar e acadêmico.

Nesse sentido, pôde-se constatar que a maternidade, não é vista como ponto principal de análise, sendo um assunto pouco explorado tanto em *O Conto da Aia* como em *Westworld*. Portanto, pretendeu-se trazer essa discussão para refletir-se de quais formas o tema pode ser explorado. Os estudos sobre *O Conto da Aia* (2017), no geral, giram em torno das questões políticas e religiosas que a quebra da Constituição proporciona. Já sobre a série *Westworld*, alguns estudos abordam a busca pelo consciente dos anfitriões. Por esta razão, este trabalho procurou trazer ao *millieu* acadêmico a discussão sobre algumas reflexões de nossa sociedade.

Como a repressão feminina, a perda dos direitos e dos princípios éticos, além da libertinagem e do egocentrismo. Assim, os textos permitem a reflexão acerca das diferentes leituras de um futuro possível.

Dessa maneira, apoiando-se em noções gerais da ficção científica e do feminino, que estabelecem claros paralelos com *O Conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood, e com *Westworld* (1916-), de Jonathan Nolan e Lisa Joy, o objetivo central deste trabalho foi o de analisar o tema da maternidade em uma sociedade distópica, nos textos literário e televisivo selecionados, no que diz respeito às esferas humana e robótica, como reflexos da contemporaneidade.

Para que este objetivo fosse alcançado foi preciso fazer um levantamento das principais características da ficção científica, bem como uma verificação sobre como essas características se encontram presentes em *O Conto da Aia* e em *Westworld*. Da mesma forma, estudos acerca do feminino e da maternidade no romance e nos episódios da série televisiva foram imprescindíveis para que se fosse possível comparar como estes tópicos aparecem em cada texto. Juntamente com essa questão, procurou-se suscitar o sentimento de ética na contemporaneidade.

O presente estudo traz uma análise do romance *O Conto da Aia*, especificamente de sua tradução ao português brasileiro feita por Ana Deiró, em 2017, e de trechos da série *Westworld*, em que aparece a personagem Maeve, destacando-se suas relações com os conceitos abordados ao longo do trabalho. Além disto, para este trabalho, foi importante entender como a ficção científica tem sido explicada e quais são as suas principais características, para que se pudessem verificar questões sobre a desconstrução da sociedade atual (tão recorrentes em textos de ficção científica) enquanto relacionadas ao tema da maternidade. Dessa maneira, consideraram-se leituras de filósofos da pós-modernidade, tais como David Harvey (2005), juntamente com críticos que articularam sobre a ficção científica, principalmente Raymond Williams, em *Cultura e Materialismo* (2011). Além disto, procurou-se estudar sobre a maternidade, com Michelle Perrot (2017) e Marciano Vidal (2005), e sobre como ela afeta diretamente a condição feminina, especificamente em uma sociedade distópica. Nesse sentido, os escritos de Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1967) e algumas elaborações sobre conceitos éticos e morais em Sigmund Freud feitas por Marcus Cunha (2008) foram igualmente relevantes.

Além disso, artigos acadêmicos e científicos relacionados aos temas aqui abordados, foram verificados para a estruturação das principais ideias trabalhadas nesse Trabalho de Conclusão de Curso. Alguns dos artigos mais importantes são “Biopolítica e Repressão Feminina: Configurações da Reprodução Humana no Romance Distópico *O Conto da Aia* de Margaret Atwood”, de Cecília Silva e Simone Silva (2018), e “ ‘Bendito Seja o Fruto’/ ‘Que o Senhor Possa Abrir’: Distopia, Religiosidade e Repressão em *O Conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood”, de Ana Zukoski e André Tardivo (2018), em que os autores buscam explorar as questões sobre a condição feminina presente na obra, e como ela se desenvolve frente à repressão estatal. Além desses, foram relevantes os seguintes: “O Limite da Mente em *Westworld*: Uma Análise sob a Perspectiva do Pós-Humanismo e McLuhan”, de Ana Fidalski e Heitor Feitosa (2017), e “Anfitriões: delineando o conceito de pós-humano na série televisiva *Westworld*”, de Lynn R. G. Alves e Maria C. Souza (2019) que discutem um pouco sobre os avanços tecnológicos e científicos e como esses interferem e influenciam a vida no presente e no futuro.

Este trabalho foi organizado em dois capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Alguns Pontos sobre os Autores e suas Temáticas”, trata dos autores e suas produções mais significativas, além de introduzir os aspectos narrativos dos textos analisados. Também, o segundo capítulo, chamado “A Maternidade na Ficção Científica: Reflexos da Contemporaneidade”, diz respeito à análise específica da maternidade em *O Conto da Aia* e em *Westworld*. Neste capítulo são discutidos alguns conceitos de ficção científica e como os princípios do Id e do Superego são característicos nos textos. Além disso, verifica-se de quais formas a maternidade foi explorada nas obras, e como este aspecto do feminino no enredo reflete e contribui para a desconstrução da estrutura social atualmente conhecida em nossa sociedade.

O Conto da Aia (2017) e *Westworld* (2016-) abordam temas polêmicos e importantes para serem discutidos, como o regime teocentrista presente no romance, que facilita com que Atwood consiga trabalhar com os conflitos religiosos que o ser humano vive nos dias atuais; a junção entre a política e a religião; e a forma com que a falta de direitos afeta o viver em sociedade. Uma vontade, que embora defendam ser divina, apenas privilegia interesses individuais. Por outro lado, a humanização da personagem e a busca dos anfitriões pela “consciência” em *Westworld*, trouxe à tona questionamentos filosóficos sobre os limites da tecnologia

e o “e se” tão frequente na ficção científica; além de trabalhar com a “total” liberdade do ser humano e quais suas ações diante de tanta soberania, destacando-se a forma como a maldade humana se desenvolve. Em um lugar em que tudo é permitido, o que seria moral e eticamente proibidos na sociedade normal? O parque então desperta os desejos mais sombrios dos visitantes, possibilitando a eles a oportunidade de matar, estuprar e roubar. Assim, diante destes pontos verificou-se a importância de trabalhar com estes textos e analisar quais as possíveis reflexões de suas leituras, como eles dialogam com nossos conflitos atuais e de quais maneiras esses reflexos interferem na vida das personagens Offred e Maeve Millay.

2. ALGUNS PONTOS SOBRE OS AUTORES E SUAS TEMÁTICAS

Autores de mundos e áreas diferentes, mas que sem saber, se complementam. Quando se pensa na junção dessas artes, e como, juntas, elas conversariam, foi fácil perceber essa ligação – duas ficções de universos futuros, duas projeções de como nossas ações interferem e resultam no destino da sociedade, em duas mídias (um romance e uma série de TV).

As atuais produções artísticas, principalmente nas ramificações do cinema, têm cada vez mais usado e abusado das ideais mirabolantes para o que o futuro nos aguarda. Isso pode ser observado em filmes como *De Volta Para o Futuro* (1985), que acreditava que em 2015 existiriam máquinas de viagem no tempo, ou mesmo em filmes com universos desenvolvidos tecnologicamente, como *Star Wars* (1977) e as produções da Marvel, que colocam a tecnologia como a principal fonte de mudança, possibilitando atravessar planetas, galáxias e mundos.

A tecnologia trouxe uma nova forma de ver e viver o mundo, e as artes tendem cada vez mais a desafiar esses limites – como acontece nas obras aqui trabalhadas. Em uma delas existe o desastre de uma usina nuclear que afetou a fertilidade feminina e, na outra, o avanço exacerbado da ciência e a criação de vida artificial. A fim de que fosse possível analisar pontos específicos da maternidade em *O Conto da Aia* e em *Westworld*, este capítulo tem como proposta apresentar os autores e estas duas obras distópicas, o que significa uma preparação para a análise que se segue.

2.1. Margaret Atwood e a Importância de sua Obra

Escritora de grandes títulos de ‘ficção especulativa’¹, Margaret Atwood nasceu em Ottawa, Canadá, em 1939. A publicação de seu primeiro romance ocorre em 1969, com *The Comible Woman*, já representando seu mundo feminino por meio de uma personagem com problemas existenciais decorrentes da sociedade em que

¹ Termo que se popularizou no século XX, a ficção especulativa é a junção e transição nos mundos da ficção científica, fantasia e terror. Neste trabalho se utilizou o termo como um subgênero da ficção científica, que aborda temas como utopia e distopia.

vive. Sua importância como escritora de personagens femininas fortes propõe uma nova perspectiva na literatura, a qual retrata diferentes problemas sociais e culturais, e como suas personagens lidam com esses desafios e mudanças.

Como a temática de seus textos aborda as questões femininas, constantemente a autora é questionada sobre o feminismo e sua luta. Em entrevista com Gregory Fitz Gerald e Kathryn Crabbe, em 1979, presente em Hossne (2000), a autora de certa forma renuncia ao termo feminismo por não sentir-se representada nesse cenário:

*Feminista é para mim um adjetivo que não comporta alguém. Não é suficiente dizer que alguém é meramente feminista. Algumas pessoas escolhem definir-se a si mesmas como escritoras feministas. Eu não negaria o adjetivo, mas não o considero inclusivo. Há muitos outros interesses meus que não eu não gostaria que o adjetivo excluísse. As pessoas que entendem o meu ponto de vista tendem a ser mulheres da Escócia ou negras dos Estados Unidos [a autora é canadense], que dizem: *feministas, tal como é usado nos Estados Unidos, geralmente significa americanas brancas de classe média dizendo que elas todas são mulheres* [...] O que o termo *escritora feminista* significa para certas feministas americanas, não pode significar o mesmo que para mim. Elas estão dentro, olhando umas para as outras, enquanto eu estou do lado de fora. (HOSSNE, 2000, p.56)*

No entanto, com o tempo o feminismo foi abrangendo cada vez mais as mulheres de todas as classes sociais, diferente do que a autora apontava em 1979 para um olhar apenas da mulher branca de classe média estadunidense. Atualmente em novas entrevistas, Atwood posiciona-se como feminista, ainda que não se defina como tal.

Na entrevista para El País em 2019, a autora já posiciona a sua definição para o feminismo como um termo que possui diversas interpretações dependendo de quem fala e para quem se fala:

P. Abusa-se do termo *feminista*?

R. Se você acessar a Internet e fizer uma busca sobre tipos de feminismo, vão aparecer mais de 70. É o que ocorre com qualquer *ismo*: o que se quer dizer com cristianismo? Refere-se aos ortodoxos gregos, ao Papa de Roma, aos pentecostais, às pessoas que dançam com serpentes? Não se pode colocá-los no mesmo saco. Com os feminismos acontece a mesma coisa, eles são muito plurais. Você pergunta sobre o quê?

P. A liberdade das mulheres?

R. É que não se pode dizer “feminista”, mas “esse grupo de feministas”. Em linhas muito gerais, um cristão é alguém que tem a figura de Cristo em alta estima. Da mesma forma, em termos gerais, pode-se dizer que o feminismo sustenta que as mulheres são seres humanos e não são inferiores. Mas há milhares de outros assuntos e desacordos. Isso não significa que o objetivo maior não seja válido, mas que há diferenças na percepção de como alcançá-lo. (ATWOOD, 2019)

Embora não se classificando como escritora feminista, Atwood marca certo ativismo em seus romances, questionando sobre a liberdade e poder de escolha das mulheres sobre suas vidas e seus corpos. Não é sem propósito que nas atuais passeatas em defesa pela mulher, principalmente quanto ao aborto, aparecem muitas ativistas como os trajes vermelhos representando as Aias do romance de Atwood.

Como uma escritora de destaque no século XXI, ganhadora de diversos prêmios consagrados da literatura moderna, possui mais de sessenta obras publicadas, incluindo poesia, contos infantis, crítica literária e romance. Marcada por essa longa atividade na área das Letras, é conhecida cada vez mais pelo mundo todo, ganhando grande destaque como escritora canadense e mobilizando diversas reflexões sociais a partir de seus textos.

Atualmente, por ter uma temática sobre universos distópicos, sua obra literária estrela em filmes e séries de TV, como *Vulgo Grace* (1996) ou mesmo como *O Conto da Aia*. Mundo pós-apocalíptico, quebra da constituição, crises ambientais, entre outros desastres, suas ideias fazem o leitor refletir sobre os rumos que estamos dando para o mundo, e como a humanidade caminha para um futuro não tão feliz e satisfatório.

2.2. O Conto da Aia – Principais Aspectos Narrativos

A narrativa de Atwood é apresentada a partir da perspectiva de Offred. Utilizando os recursos estilísticos do *flashback*, a história é contada por meio dessas voltas ao passado, permitindo ao leitor entender o que se passa no presente. Após os fundamentalistas “Filhos de Jacó” derrubarem o governo norte-americano, a República de Gileade começa a tomar forma. E aos poucos o regime teocentrista vai se expandindo e dominando a vida de seus habitantes, em especial da parcela feminina da sociedade. Proibidas de trabalhar logo no início do novo governo, a mudança já começa a afetar os direitos femininos, e aos poucos reduz a classe apenas para instrumento de reprodução e de serviços do lar.

Ao longo da narrativa, Offred relembra sua vida antes do regime, com seu marido e filha, além de seu relacionamento com sua melhor amiga Moira. E também

revive o doloroso processo da separação de sua família, e de como o regime foi ganhando força e instaurando o terror pelo país.

Afetadas pelos desastres naturais, as mulheres tiveram sua fertilidade reduzida e quase ameaçada. E para permanecer com o povoamento da espécie humana, as mulheres ainda férteis foram obrigadas a servir a sociedade como Aias. Ao invés de serem vistas como divinas e valorizadas, suas vidas são controladas e reduzidas a pequenas funções diárias. Passagens bíblicas procuram justificar essas ações do regime:

Vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacob, teve Raquel inveja da sua irmã, e disse a Jacob: Dá-me filhos, ou senão eu morro. Então se acendeu a ira de Jacob contra Raquel e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela. (GÊNESIS, 30:1-3 *apud* ATWOOD, 2017, p.5).

A passagem retratada em Gênesis aparece como prefácio do livro. O romance é construído com base nesse fragmento, que conta como Bilha serviu Raquel e Jacó ao dar-lhes um filho, já que o casal não conseguia procriar. Essa passagem serve como motivo para o qual as Aias existem, ou seja, para dar filhos aos comandantes e suas mulheres, assim como Bilha um dia deu aos seus senhores:

Demos-lhe mais do que tiramos, disse o Comandante. Pense nas dificuldades que tinham antes. Não se lembra dos bares de solteiros, a indignidade dos encontros às cegas no colégio? O mercado da carne. Não se lembra do terrível abismo entre as que podiam conseguir um homem com facilidade e as que não podiam? Algumas delas ficavam desesperadas, passavam fome para ficar magras, enchiam os seios de silicone mandavam cortar pedaços do nariz. Pense na infelicidade humana. [...] Ele abana a mão na direção de sua pilha de revistas antigas. Estavam sempre reclamando. Problemas disso, problemas daquilo. Lembra-se do anúncios nas Colunas Pessoais, *Mulher inteligente e atraente, trinta e cinco anos...* Da maneira como fazemos, todas elas conseguem um homem, ninguém é excluído. E depois, então, se de fato se casassem, podiam ser abandonadas com uma criança, duas crianças, o marido podia simplesmente achar que estava farto e largá-las, desaparecer, elas tinham que viver às custas dos serviços sociais do governo. Ou então o marido ficava por lá e batia nelas. Ou se tivesse emprego, as crianças ficavam em creches ou eram deixadas aos cuidados de alguma mulher brutal e ignorante, tinham que pagar por isso elas próprias, com seus salarizinhos miseráveis. O dinheiro era a única medida de valor, para todo mundo, não recebiam nenhum respeito pelo fato de serem mães. Não é de se espantar que estivessem desistindo da coisa inteira. Da maneira como fazemos estão protegidas, podem realizar seus destinos biológicos em paz. Com pleno apoio e encorajamento. (ATWOOD, 2017, p. 260-261).

Neste capítulo, Offred está conversando com seu Comandante e questiona-o sobre os motivos pelos quais eles transformaram a sociedade. Em todo momento é apontado o regime como salvação para as mulheres, uma forma de liberdade. Justificando que, ao reduzi-las para apenas desempenharem sua função biológica, eles estavam promovendo o bem e a satisfação pessoal e social da mulher:

Existe mais de um tipo de liberdade, dizia Tia Lydia. Liberdade para, a faculdade de fazer ou não fazer qualquer coisa, e liberdade de, que significa estar livre de alguma coisa. Nos tempos da anarquia, era liberdade para. Agora a vocês está sendo concedida a liberdade de. Não a subestimem. (ATWOOD, 2017, p. 36).

Essa liberdade constantemente mencionada no romance, possibilita diversas reflexões a partir da fala do Comandante explicando os motivos do regime. A liberdade aqui aparece como uma falsa maneira de livrar as mulheres da vida que tinham, das pressões sociais e econômicas, como arrumar um marido, trabalhar e cuidar das crianças. A todo o momento são colocadas apenas as mulheres como responsáveis nesse processo.

O regime também coloca a noção de falsa liberdade, uma vez que sugere tê-las livrado de possíveis abusos e abandonos vindos de seus maridos. Ou seja, essa *liberdade* mencionada por Tia Lydia seria a liberdade de estar livre para cumprir suas funções biológicas sem interferências. Marciano Vidal (2005) aponta as realidades biológicas “como mecanismo manipulador”. E é por meio dessa manipulação que Gilead reduz o feminino apenas às funções biológicas.

Nesse cenário cheio de abusos e doutrinação, Atwood constrói uma história que propõe diversas reflexões sobre a vida do ser humano em sociedade e os rumos que para construir a sociedade do futuro. Um romance que provoca o leitor do começo ao fim. Ao longo deste trabalho analisaram-se os efeitos dessa modificação social e como ela aparece no texto de Atwood.

2.3. Jonathan Nolan e Lisa Joy e a Criação de *Westworld*

Transmitida pela HBO, a série foi desenvolvida pelo casal Jonathan Nolan e Lisa Joy e propõe uma idealização futurista da forma de entretenimento. Um parque de diversões onde os personagens podem desfrutar livremente dos prazeres da vida no faroeste. A criação de vidas artificiais é o principal tema da série.

Sua produção é um tanto problemática, já que aborda, além dos prazeres humanos, as formas ilícitas de como alguns alcançam sua satisfação. No lugar criado por Nolan e Joy, tudo é possível e os personagens não têm responsabilidade alguma por seus atos, já que jogam com robôs e não com humanos. No entanto, constantemente, encontram-se abalados e sensibilizados pelos anfitriões, pois a narrativa tem como foco suas próprias vidas.

Esses personagens seguem em busca de sua consciência repletos de sentimentos e sonhos, desejando um novo rumo para suas vidas. Vidas que o espectador começa a acreditar que são reais. Essa busca pela consciência mostra que a única coisa que difere um ser humano de um anfitrião é a consciência:

Quando um 'anfitrião' é danificado ou morto por um hóspede, este é levado para a seção de Manutenção de Estoque Vivo, local onde aplicam um reparo, e posteriormente fazem uma cirurgia, reprogramando-o para servir novamente ao parque. Por vezes, os anfitriões são substituídos e concebido como um outro personagem na trama interna de *Westworld* – justificada muitas vezes para evitar um desgaste do 'anfitrião' e renovar a trama – possuindo assim, versões novas do seu próprio 'eu'. Todas as bagagens de vivência que um androide possui são deletadas definitivamente da memória individual, de modo que, quando novamente inserido no parque, não se lembram mais nada. Antes de serem devolvidos à nova rotina, é feita pelos funcionários uma limpeza do local, principalmente quando o 'anfitrião' teve uma morte trágica e bagunçada, porém mesmo após isso, alguns vestígios de sua outra 'vida' podem ficar para trás, como por exemplos anotações em um papel e bilhetes guardados. Por conta disso, os contatos com estes objetos novamente podem desencadear tomadas de percepção no androide; é no contato com algo fora do programado em sua rotina e conhecimento que um estranhamento ocorre. Como no funcionamento de uma máquina, há alguns segundos para que uma informação seja processada pelo sistema, o que por vezes pode desencadear reações espontâneas, e possivelmente, um processo de autoconsciência. (FIDALSKI; FEITOSA, 2017, p. 7).

Todo esse processo de reconstrução da personagem e construção de uma autoconsciência são as principais discussões presentes na obra. Uma vez que a personagem, Maeve, que é apresentada neste trabalho, passou pelos dois momentos, sendo um resultado do outro em sua história.

Ao pequeno sinal de consciência em um anfitrião, revelou-se um labirinto para um hóspede. A partir desse momento acredita-se que quando o anfitrião chegar ao final deste labirinto ele encontrará sua consciência, assim como por segundos, Maeve encontrou.



Figura 1: Maeve e a filha mortas no centro do labirinto

Fonte: Westworld, 2016.

Este labirinto presente na imagem revela o caminho necessário para os anfitriões atingirem sua consciência dentro do universo do Westworld. Revelado no momento em que Maeve e sua filha morrem, representando que a personagem atingiu por alguns instantes a consciência de estar viva. Este sentimento só é despertado quando a personagem, através da dor, adquire um olhar materno e se reconhece como mãe.

A narrativa desafia o espectador de tal forma, que no decorrer da série ele poderia várias vezes ficar em dúvida sobre quem é o humano e quem é o anfitrião. Essa construção elaborada por Nolan e Joy aborda os conflitos sociais que as pessoas vivem atualmente. A valorização de coisas supérfluas diante das relações pessoais.

Diante dos pontos apresentados neste capítulo sobre as narrativas e as personagens, percebe-se que o papel materno tem importante significado na construção dos textos. Embora tema secundário nas obras, é responsável pelo destino e desenvolvimento das personagens. Portanto, no próximo capítulo será analisado o desenvolver deste tema dentro das ficções.

3. A MATERNIDADE NA FICÇÃO CIENTÍFICA – QUESTÕES DE ÉTICAS

Quando pensamos em mulheres, a maternidade é uma das coisas que estabelecemos como necessária para estas se sentirem completas e realizadas. No senso comum, a figura da mulher está diretamente relacionada à condição de mãe. Mesmo em tempos em que o feminismo esteja muito desenvolvido, considera-se que apenas a maternidade complete o sentido da existência feminina. Embora este conceito esteja aos poucos desaparecendo, essa questão ainda está muito presente no imaginário da sociedade, em que mulheres são diariamente questionadas sobre suas intenções maternais e julgadas por elas. A ficção, por outro lado, tenta desmistificar alguns conceitos enraizados em nossa sociedade, questiona princípios e verdades, deixando a cargo do leitor ou telespectador tirar suas próprias conclusões com base em seus conhecimentos de mundo e em suas experiências vividas.

Aqui encontraremos duas ficções que apresentam duas diferentes visões de um futuro possível, e nessas visões a maternidade aparece, não como foco, mas como uma temática poderosa que suscita reflexões. A maternidade, de diferentes maneiras, implica diretamente a construção dos personagens e do enredo (tanto femininos quanto masculinos), possibilitando uma análise dos seus possíveis significados nas obras. Portanto, neste capítulo trabalham-se estes conceitos e como eles se relacionam entre si. Além disso, investiga-se como a distorção e a desconstrução dos valores da sociedade têm contribuído para que a humanidade caminhe para esses rumos.

3.1. Ficção Científica e a Questão da Ética em *O Conto da Aia* e em *Westworld*

No que concerne aos estudos da ficção científica, pode-se inferir que as características da pós-modernidade incitam o desenvolvimento de uma visão mais funesta e sombria de nosso futuro. Traços como a alienação, a individualização, o controle extremo ou a liberdade em demasia, a hiper-realidade e a degeneração, entre outros, frequentemente encontram-se presentes em romances e em filmes de nossa contemporaneidade. Ao citar Brian McHale, acerca dos textos pós-modernos,

Harvey (2005, p. 46) argumenta que as pessoas se mostram mais interessadas na interpretação múltipla de realidades que coexistem e colidem entre si, “[e]m consequência, a fronteira entre ficção e ficção científica sofreu uma real dissolução”, pois “os personagens pós-modernos com frequência parecem confusos acerca do mundo em que estão e de como deveriam agir com relação a ele” – característica esta que geralmente descreveria personagens de ficção científica, agora descreve personagens de vários gêneros de ficção e até mesmo de nossa “realidade”.

O ser humano da pós-modernidade encontra-se inserido em uma realidade difícil de ser explicada ou representada. Por esta razão, o nosso presente assemelha-se ao futuro distópico de muitas obras de ficção científica. Em “O Final da Renascença?” (1960), Leonard B. Meyer traz algumas novas ideias sobre o homem pós-moderno:

O homem não é mais para ser a medida de todas as coisas, o centro do universo. Ele foi medido e encontrou-se como um indistinto pedaço de matéria, nenhum pouco diferente, de nenhuma forma essencial, das bactérias, pedras e árvores. Seus objetivos e propósitos; suas noções egocêntricas do passado, do presente e do futuro; sua fé em seu poder de prever e, através da predição, de controlar o seu destino – tudo isto é questionado, considerado irrelevante ou condenado ao trivial.² (MEYER, 1960 *apud* BERTENS, 1995, p. 23; tradução minha).

Pode-se observar, da mesma maneira, que a maternidade se desenvolve também dentro de um caos e apresenta-se, muitas vezes desconstruída, propondo-se a mostrar que a geração da vida já não tem o mesmo sentido dentro de uma sociedade distópica e sombria.

Williams apresenta algumas subdivisões sobre a ficção utópica:

[a]o *paraíso*, no qual uma vida mais feliz é descrita como simplesmente existente em outro lugar; (b) o *mundo alterado externamente*, no qual um novo tipo de vida torna-se possível graças a um acontecimento natural inesperado; (c) a *transformação almejada*, na qual um novo tipo de vida é alcançado pelo esforço humano; (d) a *transformação tecnológica*, na qual um novo tipo de vida torna-se viável graças a uma descoberta técnica. (WILLIAMS, 2011, p. 267).

Desta forma, compreende-se um pouco das classificações apresentadas e estudadas pelo autor. Além das definições de utopia, Williams, reconhecendo as

² “Man is no longer to be the measure of all things, the center of the universe. He has been measured and found to be an undistinguished bit of matter different in no essential way from bacteria, stones, and trees; his goals and purposes; his egocentric notions of the past, present, and future; his faith in his power to predict and, through prediction, to control his destiny – all these are called into question, considered irrelevant, or deemed trivial” (MEYER, 1963 *apud* BERTENS, p. 23, 1995).

semelhanças entre elas, propõe uma explicação distópica sobre cada ponto, evidenciando as diferentes características:

[a]o *inferno*, no qual um tipo mais miserável da vida é descrito como existente em outro lugar; (b) o *mundo alterado externamente*, no qual uma vida nova, mas menos feliz, é produzida por um evento natural inesperado ou incontrolável; (c) a *transformação almejada*, na qual uma vida nova, mas menos feliz, é produzida pela degeneração social, pelo surgimento ou ressurgimento de tipos nocivos de ordem social, ou pelas consequências imprevisíveis, mas desastrosas, de um esforço para uma melhoria social; (d) a *transformação tecnológica*, na qual as condições de vida são agravadas pelo desenvolvimento técnico. (WILLIAMS, 2011, p. 267-268).

A transformação almejada aparece como característica fundamental em *O Conto da Aia*, visto que a mudança social transforma ativamente, seja de forma positiva ou negativa, a vida de todos os habitantes da República de Gilead. O rompimento com a constituição e a implantação de um sistema de governo teocentrista, colocando Deus acima de tudo e todos, provoca danos nocivos à ordem social.

Além disto, a falta de direitos e o excesso de deveres caracteriza a sociedade criada por Atwood. Essa ficção utópica, mas inteiramente possível de acontecer, é abordada por Williams (2011, p. 269) “como inspirada no espírito científico”. Ela não possui características científicas, mas é baseada na racionalidade:

Devemos também notar que há importantes exemplos do tipo (c) nos quais o espírito científico e as ciências aplicadas são subordinados ou simplesmente associados a uma ênfase dominante na transformação social e política (incluindo a revolucionária). Ou nos quais eles são neutros em relação à transformação social e política, que prossegue em seus próprios termos, ou, o que é de importância diagnóstica crucial, onde as ciências aplicadas, embora menos frequentemente o espírito científico, são positivamente controladas, modificadas ou mesmo suprimidas, em um almejado retorno a um modo de vida mais ‘simples’ e ‘mais natural’. Nesse último modo, há algumas belas combinações de uma ciência ‘não material’ bastante avançada e de uma economia ‘primitiva’. (WILLIAMS, 2011, p. 269).

A estrutura social e econômica apresentada no romance é, como Williams afirma, “simples” e “não material”. Embora projetado em um futuro não tão distante, e apresente recursos contemporâneos antes do rompimento com a Constituição, a ficção não apresenta avanços e recursos tecnológicos, pelo contrário, é ambientado em um contexto “mais natural” e “primitivo”.

Em *Westworld*, observou-se a transformação tecnológica, tipo (d), possuindo uma “relação direta com as ciências aplicadas” (WILLIAMS, 2011, p. 269). A série

retrata um mundo inteiramente fictício criado pelo homem para o homem. Os avanços científicos estão cada vez mais explorando os limites da tecnologia, sendo agora o objetivo alcançar a consciência robótica.

Como Williams apresenta no tipo (d), a série explora a criação da vida, e ao longo da narrativa descobrimos quais as consequências desses progressos:

É a nova tecnologia que, para o bem ou para o mal, constrói a nova vida. Como acontece geralmente no determinismo tecnológico, isso tem pouca ou nenhuma agência social, embora seja comumente descrito como possuindo certas consequências sociais 'inevitáveis'. (WILLIAMS, 2011, p. 269-270).

Assim, o desenvolvimento da vida para satisfazer os prazeres pessoais segue os princípios científicos, buscando aprimorar cada vez mais essa nova tecnologia, sendo que ela “[...] não necessita ser apenas uma fonte de energia nova e maravilhosa, ou algum recurso industrial desse tipo, mas pode também ser um novo conjunto de leis, novas relações abstratas de propriedade, e de fato, precisamente, um novo *maquinário social*” (WILLIAMS, 2011, p. 277). Pois, além dos avanços na área da ciência, a série é ambientada em um parque, cujas leis e princípios morais e éticos não se aplicam.

Muitas das atuais produções da ficção científica beiram e mergulham nos limites das leis sociais e da natureza, procurando investigar o máximo possível do “e se...”. As possibilidades que a ficção permite ao autor são infinitas – pode-se imaginar uma viagem ao espaço, ou uma aventura no centro da terra, guerras entre todos os tipos de seres mágicos e robóticos. Dessa forma, também identificaram-se, de maneiras diferentes, esses aspectos fictícios nos dois textos trabalhados.

Essas diversas possibilidades que a ficção permite são exploradas ao máximo em *Westworld*, principalmente quando os autores abordam a possibilidade de um vínculo materno entre duas personagens. Essa é uma aposta um tanto inusitada, considerando que robôs são criados por homens, e não possuem as emoções e ligações sentimentais que integram nossa condição humana.

Sendo assim, os fatores científicos e tecnológicos nas obras apresentam duas diferentes realidades. A repressão (em *O Conto da Aia*) e a liberalidade (em *Westworld*) aparecem como resultados, respectivamente, da abundância e da falta dos princípios morais e éticos apresentados:

O superego [...] é um depositário das normas e princípios morais do grupo social a que o indivíduo se vincula. Nele se concentram as regras e as

ordenações da sociedade e da cultura, representadas, inicialmente, pela família e, posteriormente, internalizadas pela pessoa. (CUNHA, 2008, p. 2).

Segundo Freud, o Superego aparece como forma de reprimir o Ego, carregando consigo as diversas normas para uma pessoa viver em sociedade, mas um viver imposto por um núcleo social. Em *O Conto da Aia* identificou-se como o Estado restringe os direitos, principalmente das mulheres, alegando ser um modelo ideal de sociedade.

Dessa forma, o Superego atinge o Ego provocando uma condenação interna. No entanto, em *Westworld* o universo muda completamente. Neste, o *Id* determina as ações. Uma terra criada para satisfazer todos os desejos mais obscuros do ser humano, sem regras e julgamentos, permitindo o rompimento com o mundo moral e ético:

O id é a instância que contém os impulsos inatos, as inclinações mais elementares do indivíduo. O id é composto por energias – denominadas por Freud de pulsões – determinadas biologicamente e determinantes de desejos e necessidades que não reconhecem qualquer norma socialmente estabelecida. O id não é socializado, não respeita convenções, e as energias que o constituem buscam a satisfação incondicional do organismo. (CUNHA, 2008, p. 1).

Assim, Cunha nos apresenta como os conceitos apresentados por Freud conduzem o viver individual e em sociedade. Em que o *Ego* é o “eu” que aceita e molda-se ao contexto em que vive,

[a]o passo que o id é inato, as duas outras partes da personalidade desenvolvem-se no decorrer da vida da pessoa. O ego, que significa literalmente “eu”, é o setor da personalidade especializado em manter contato com o ambiente que cerca o indivíduo. Ele é a porção visível de cada um de nós, convive segundo regras socialmente aceitas, sofre as pressões imediatas do meio e executa ações destinadas a equilibrar o convívio da pessoa com os que a cercam. (CUNHA, 2008, p. 2).

Desta forma, todo o contexto sócio-histórico-cultural das personagens influencia como elas agem nas diferentes situações impostas. O *Ego* é explorado por diferentes perspectivas, diferenciando no mundo repleto de repressão e dominado pela liberalidade. Consideramos também as diferenças estruturais das personagens, sendo uma humana e a outra, um robô.

3.2. A Maternidade – Inerência do Feminino?

A maternidade como algo intrínseco da mulher é apresentado no texto sobre a história dos cuidados maternos, de Solange Moura e Maria Araujo (2004), como um mito. Pois, foi construído esse ideal da mulher, que como responsável por carregar o bebê por nove meses fosse natural construir e nutrir um sentimento de amor e carinho pela criança. Ao construir essa idealização acerca da maternidade e da relação mãe-filho, cria-se certo padrão, estabelecido socialmente, para a mulher seguir. Assim,

[d]urante um longo período, a maternagem foi pensada como intrinsecamente relacionada à maternidade, como função feminina por excelência, concernente à natureza da mulher, embora alguns autores apontem para o fato de que essa dedicação da mulher ao papel materno deva-se muito mais “a uma transposição social e cultural das suas capacidades de dar à luz e amamentar” (Chodorow, 1990). Na verdade, diversas revisões históricas acerca da instituição familiar (Ariés, 1981, Badinter, 1985, Chodorow, 1990, Donzelot, 1986) sugerem que a exaltação ao amor materno é fato relativamente recente dentro da história da civilização ocidental, constituindo-se esse tipo de vínculo, tradicionalmente descrito como “instintivo” e “natural”, em um mito construído pelos discursos filosófico, médico e político a partir do século XVIII. (MOURA; ARAUJO, 2004, p. 45).

No entanto, com os avanços da sociedade e a luta feminina para romper com os padrões impostos ao gênero, percebe-se uma desmistificação quanto à maternidade ser algo intrínseco a todas as mulheres. Debates e protestos a favor da legalização do aborto, a criação e aprimoramento dos métodos contraceptivos e a desromantização da maternidade permitiram dar voz às mulheres para falarem sobre seus desejos e vontades acerca de seu próprio corpo e sentimentos, aprendendo que tornar-se mãe é um processo complexo.

No que se refere à maternidade, a realidade apresentada na ficção científica cria um laço com questões éticas e morais. Pelo menos, no que diz respeito ao mundo ocidental, somos todos filhos dos movimentos feministas que afloraram, principalmente, na década de 1950. Com essa declaração enfática e continuada, mulheres e homens se propuseram a repensar o papel e a natureza da mulher em sociedade. Pode-se entender que o corpo funciona como uma forma de expressão de cada gênero. O corpo desempenha um papel primordial para o desenvolvimento psíquico, sendo o corpo grávido o elo transformador da mulher em “mãe”.

Questionamentos cabíveis aqui seriam: como obrigar que uma casta de mulheres gerem filhos sem a intenção de desenvolver o sentimento materno (ainda que seja sabido que nem toda mulher se sente preparada para ser mãe), para isso precisando renunciar ao filho gerado de seu ventre para outra pessoa que pouco se preparou para ser mãe, como acontece em *O Conto da Aia*? Ou ainda, como querer que uma mulher seja configurada para sentir-se como uma mãe, como é em *Westworld*? Seria realmente este sentimento aquele a forçar o desenvolvimento pleno da mulher? Qual o papel da consciência no que diz respeito à maternidade?

Para que esses questionamentos pudessem ser verificados, foi necessário identificar como o processo de “ser mulher” é influenciado e construído socialmente. Simone Beauvoir (1967, p. 9) nos apresenta justamente como a interferência social no desenvolvimento da criança resulta na repressão e controle social, vinculada à condição de ser mulher:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. O drama do nascimento, o da desmama desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos; têm elas os mesmos interesses, os mesmos prazeres [...].

A construção desse ideário é observada claramente em *O Conto da Aia*. As personagens femininas são controladas por conceitos morais referentes àquela sociedade, independentemente de concordarem ou não. Suas vidas seguem os princípios éticos e religiosos que os homens julgam corretos, interferindo na ordem biológica e psíquica da fêmea da espécie humana.

Na construção do significado do gênero feminino, Vidal (2005) destaca diferentes níveis desse processo:

-*Nível simbólico*: o gênero serve como metáfora para expressar a realidade. Essa metáfora é utilizada quase sempre com uma estrutura dualista e com uma evidente assimetria a favor do masculino.
 -*Nível social*: o gênero é utilizado como caminho e justificativa para organizar a sociedade.
 -*Nível individual*: o gênero ajuda a compreender a identificação total da mulher e do homem, articulando um projeto de vida a partir de diversos fatores (biológicos, psicológicos, sociais). (VIDAL, 2005, p. 19).

Por meio dessa representação apresentada pelo autor, podemos analisar essa classificação na construção das sociedades. Embora a luta feminina caminhe a cada dia para a libertação das amarras sociais que a sociedade tenta impor às mulheres, antigamente sabe-se que a vida não era assim, e que as mulheres eram reduzidas ao que julgavam ser sua a responsabilidade, de acordo com suas características, como cuidar do lar, das crianças, ser carinhosa e recatada.

Em *O Conto da Aia*, observa-se essa regressão do sujeito feminino, sendo reduzida novamente à construção social das suas características, como cuidar do lar, mantendo a organização, alimentação e cuidados gerais em dia, ser responsável pela reprodução e criação das crianças e ser privada do direito à educação, sendo submetida a viver para o outro e não para si e tendo que ser feliz com essa condição.

Diante do mundo apresentado por Atwood, questiona-se por que o feminino e a maternidade não aparecem como celestiais e divinos, pois a diminuição da fertilidade e a valorização da reprodução resultaria no engrandecimento do dom da vida que poucas mulheres carregam, ao invés de submetê-las ao papel de Aias:

Eu quase engasgo de espanto: ele disse uma palavra proibida. Estéril. Isso é uma coisa que não existe mais, um homem estéril não existe, não oficialmente. Existem apenas mulheres que são fecundadas e mulheres que são estéreis, essa é a lei. (ATWOOD, 2017, p. 75).

Nesse momento da narrativa percebemos a responsabilidade que o ser feminino carrega nessa sociedade, sendo a única responsável pela reprodução e continuação da espécie.

A maternidade em Atwood aparece em três níveis: 1) Offred com sua filha biológica; 2) O processo de uma gravidez forçada nas Aias; e, 3) As Esposas como mães. Michelle Perrot apresenta a maternidade como “um momento e um estado” (2017, p. 69), essas duas classificações são moldadas durante as apresentações dos níveis citados acima.

No primeiro nível encontramos uma mulher com o desejo e sonho em ter um filho:

Luke e eu costumávamos passear juntos de vez em quando, por estas ruas. Costumávamos falar em comprar uma casa como uma dessas, uma grande casa velha, e restaurá-la. Teríamos um jardim, balanços para as crianças. Teríamos filhos. Embora soubéssemos que não era muito provável que algum dia viéssemos a ter condições para isso, era um assunto de

conversa, uma brincadeira de domingo. Tamanha liberdade, agora parece quase sem importância. (ATWOOD, 2017, p. 34).

Nesta primeira parte, o estado e o momento são de alegria e liberdade para escolher e construir juntos suas ações, tanto de comprar/reformar uma casa, quanto de ter uma criança. Aqui a liberdade de escolha é uma ferramenta fundamental nesse nível. O controle e domínio de suas ações permitiram que nesta esfera a maternidade fosse algo natural e belo.

Para além do processo natural e belo, neste ponto encontramos a resistência de uma mãe em suportar tudo de ruim, pois acredita que um dia, talvez, tudo mudará e ela terá sua filha e família unida outra vez:

A mensagem dirá que tenho que ter paciência: mais cedo ou mais tarde ele conseguirá me tirar daqui, nós a encontraremos, não importa onde a tenham posto. Ela se lembrará de nós e estaremos juntos todos os três. Enquanto isso devo resistir, me manter segura para depois. O que aconteceu comigo, o que está acontecendo comigo agora, não fará nenhuma diferença para ele, ele me ama de qualquer maneira, sabe que não é minha culpa. A mensagem também dirá isso. É essa mensagem, que poderá nunca chegar, que me mantém viva. Acredito em mensagens. (ATWOOD, 2017, p. 128).

A resistência de uma mãe que acredita que no final tudo ficará bem é o destaque deste ponto. O processo natural da maternidade é conhecido como a forma mais pura de amor. Em uma mãe encontramos abrigo, carinho, esperança, cuidado, paciência, ensinamentos, entre outras inúmeras coisas. Essas características de uma mãe são apontadas por Perrot (2017) como um processo, algo construído pela sociedade ocidental:

A sociedade ocidental promove a assunção da maternidade. Ela é 'aureolada' de amor, 'o amor a mais', segundo a expressão de Elisabeth Badinter, que descreve o crescimento do sentimento materno a partir do século XVII e o da figura da mãe, tanto nas práticas (saúde, puericultura, educação na infância) quanto na simbólica. (PERROT, 2017, p. 69).

Esse sentimento materno é o que distingue este dos demais níveis. Pois aqui o processo é leve e simples, carregado de um amor puro e natural, enquanto nos outros existe algum tipo de interferência nesse processo, seja pela forma que é concebido ou pelo resultado deste ato.

Como segundo nível temos a maternidade como um processo forçado, uma função de um determinado grupo de mulheres:

Não posso evitar ver agora a pequena tatuagem e meu tornozelo. Quatro números e um olho, um passaporte ao contrário. Supõe-se que isso garanta que eu nunca possa vir a desaparecer, por fim, em outra paisagem. Sou importante demais, escassa demais, para isso. Sou uma riqueza nacional (ATWOOD, 2017, p. 80).

Com os desastres naturais, explosões de usinas nucleares e demais substâncias agressivas à saúde espalhadas pelo ar, as condições humanas começaram a sofrer alterações. Sendo a reprodução um dos processos afetados. Com as mudanças biológicas, decorrentes do ambiente prejudicial, as mulheres não conseguiam mais ter filhos, e algumas quando engravidavam, geravam bebês com deficiências e/ou imperfeições ou abortavam.

Decorrentes disso, uma pequena parcela das mulheres que ainda conseguiam gerar uma vida, foram submetidas à função de procriação. E aqui encontramos a maternidade em seu segundo nível. Aqui o momento e o estado mudam. Encontramos um ambiente de sobrevivência. Em que para algumas mulheres servir como Aia é a única maneira de permanecerem vivas.

Ao passar por um longo treinamento no Centro onde eram doutrinadas aos padrões estabelecidos pela República de Gilead. Elas aprendiam que seu único trabalho era servir ao seu Comandante e Esposa como Bilha serviu a Raquel e Jacó:

Meus braços estão levantados; ela segura minhas mãos, cada das minhas numa das dela. Isso deveria significar que somos uma mesma carne, um mesmo ser. O que realmente significa é que ela está no controle do processo e portanto do produto. Se houver algum. [...] Minha saia vermelha é puxada para cima até minha cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o Comandante está fodendo. O que ele está fodendo é a parte inferior do meu corpo. Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está fazendo. Copular também seria inadequado porque teria como pressuposto duas pessoas e apenas uma esta envolvida. Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que escolhi. (ATWOOD, 2017. p. 115).

Em *O Conto da Aia*, a maternidade é considerada como um produto aguardado, em que todo mês a Aia, a Esposa e o Comandante, durante a Cerimônia, esperam pela fecundação. Nesta esfera todos os conceitos tradicionalmente atrelados à figura da mãe são quebrados. Aqui a “mãe” biológica não tem nenhuma responsabilidade afetiva com a criança, sua única missão é reproduzir: “Somos úteros de duas pernas, apenas isso: receptáculos sagrados, cálices ambulantes” (ATWOOD, 2017, p.165). Essas metáforas exemplificam suas funções nessa sociedade, uma vez que é proibido qualquer tipo de envolvimento

materno e amoroso com a criança que a Aia carrega em seu ventre, sendo permitido, após o nascimento, apenas o aleitamento materno nos primeiros meses de vida. Após este período a Aia é encaminhada para outra residência que precise de seu útero.

Neste ponto a narrativa propõe a extinção do sentimento materno característico da mãe que carrega por meses seu filho. Pois se espera que a Aia não crie e nem se envolva emocionalmente com a criança, desempenhando apenas sua função biológica como se fosse quase uma profissão. Privando-a de sentir-se como mãe.

Embora forçado, é uma forma de sobrevivência, uma zona de estabilidade dessas mulheres que não querem morrer como “Não mulheres” nas Colônias da República. Porém, acreditam que podem conseguir fugir ou que em algum momento tudo vai mudar e, enquanto não muda, aguardam pelo seu momento de receber a recompensa: “Mas nunca será mandada para as Colônias, nunca será declarada uma Não mulher³. Essa é sua recompensa” (ATWOOD, 2017, p. 155).

Essa recompensa serve como conforto para as Aias nessa fase de transição, pois todas conheceram o mundo antes de Gilead:

Vocês são de uma geração de transição, disse Tia Lydia. É muito mais difícil para vocês. Sabemos os sacrifícios que são esperados de vocês. [...] Para as que vierem depois de vocês, será mais fácil. Elas aceitarão seus deveres de boa vontade com o acordo de seus corações. Ela não disse: Porque elas não terão lembranças de nenhuma outra maneira. Ela disse: Porque não vão querer coisas que não podem ter. (ATWOOD, 2017, p.143-144).

A resistência aqui aparece não apenas nos laços maternos quebrados pela organização dessa sociedade, mas pela perda da liberdade e por reduzi-las a isso, sem poder escolher, ou forçar indiretamente uma escolha.

E, por fim, temos a maternidade no âmbito das Esposas dos Comandantes. Estas que, a princípio, não possuem nenhum envolvimento direto com a fecundação e a gestação. São consideradas as mães e beneficiadas com a situação. Para elas a maternidade é um presente e as Aias um meio de conseguir isso:

Do andar de cima posso ouvir o cantar das mulheres que já estão lá. Subimos a escadaria, em fila indiana, tomando cuidado para não pisar nas bainhas dos vestidos umas das outras que se arrastam nos degraus. À

³ As “não mulheres” são apresentadas na obra como mulheres homossexuais, ou que não cederam ao regime, rebelando-se de alguma forma.

esquerda, as portas duplas da sala de jantar estão dobradas para trás, e lá dentro posso ver a mesa comprida com a toalha branca e um bufê servido: presunto, queijo, laranjas – eles têm laranjas! -, e pães frescos e bolos recém-saídos do forno. Quanto a nós seremos servidas de leite e sanduíches, numa bandeja, mais tarde. Mas elas têm uma cafeteira com torneira e garrafas de vinho, pois por que as Esposas não deveriam ficar um bocadinho bêbadas num dia tão triunfante? Primeiro elas esperarão pelos resultados, depois vão se empanturrar. Estão reunidas na sala de visitas do outro lado da escada agora, animando e encorajando esta Esposa de Comandante, a Esposa de Warren. Uma mulher pequenina e magra, ela está deitada no chão, vestida numa camisola de algodão branca, seus cabelos grisalhos espalhados como mofo sobre o tapete; elas massageiam sua minúscula barriga, como se ela própria estivesse mesmo a ponto de dar à luz. (ATWOOD, 2017, p. 142).

Essa festa do Dia do Nascimento é o momento-chave da distinção entre as duas posições. As Esposas são paparicadas e motivadas a se esbaldar do banquete e a esperar ansiosamente pelo momento em que o bebê vai nascer. Elas são ensinadas a incorporar e colocarem-se no lugar da mulher dando à luz. Como forma de ligar-se à criança no momento do nascimento, como se esta saísse e fosse gerada unicamente por ela.

A recompensa dessas mulheres, que também sofrem com o processo de reprodução, é a realização do sonho da maternidade, a possibilidade de tornarem-se mães e criarem um elo de amor com seus filhos. Já que biologicamente elas são incapazes: “A Esposa do Comandante olha para o bebê como se fosse um buquê de flores: algo que ela ganhou, um tributo” (ATWOOD, 2017, p. 154).

Aqui o sentir-se mãe possui outro significado. Enquanto as Aias são privadas desse sentimento, as Esposas dos Comandantes aguardam ansiosamente por esse momento, dando-lhes poderes para atingir esse objetivo. Como reconhecem que os Comandantes estão ou velhos demais ou são inférteis, embora este último exemplo seja uma heresia pensar, elas propõem que as Aias procurem outro método para engravidar, como médicos ou funcionários leias da casa. “Essa ideia paira entre nós, quase visível, quase palpável: pesada, sem forma, escura; uma espécie de conspiração, uma espécie de traição. Ela realmente quer esse bebê” (ATWOOD, 2017, p. 244).

O fato de realmente querer este bebê está ligado em dar significado à sua vida. Pois esta passa a ser sua função, administrar a casa e esperar por uma criança para cuidar e amar, além de exibir sua conquista para as outras Esposas e ver-se livre de uma Aia, conseqüentemente, livre da Cerimônia.

Em *Westworld*, embora robôs, as personagens femininas são utilizadas, na grande maioria, para fins sexuais e de satisfação dos prazeres masculinos – outra característica atrelada à construção da ideia do “ser mulher”. As identidades das personagens, como seres criados, estão apenas relacionadas com os princípios sociais construídos no ambiente do jogo, sem interferência ou desejos biológicos e psíquicos.

Maeve é uma cafetina que tem relapsos na memória e sonhos com uma criança, que depois descobre ser sua filha em outra versão de si. Atormentada com esses pesadelos ela acorda e desenha os seres estranhos que ela vê em seus sonhos, e quando vai esconder o desenho descobre que já havia feito uma porção deles antes, e que os esconde sempre no mesmo lugar.

Essas lembranças e os desenhos motivam-na a descobrir cada vez mais sobre qual é sua origem. Até que em uma de suas mortes, quando estava sendo reconstruída no setor de manutenção, ela desperta sem autorização dos controles, conhecendo dois técnicos que, chantageados por ela, começam a explicar como funciona o universo em que anfitriã está inserida:

- Eu não posso pagar para entrar no parque. Mas sou humano. Como os convidados.
- Como você sabe?
- Porque sei. Eu nasci. Você foi criada. (The Adversary, 2016, 00:13:10).

Assim, Maeve descobre sua procedência e começa a querer controlar sua própria história. Embora condicionada a seguir um protocolo e ser programada para ajustar-se a determinados comandos, ela obriga os técnicos a aprimorarem seus recursos e habilidades, dando-lhe mais autonomia.

Com a morte de sua “filha” seus controles e programações são desestabilizados. Esse *bug* decorrente de um episódio traumático na trama da personagem promoveu o relapso da autoconsciência. O assassinato desencadeado por um hóspede despertou Maeve para a vida.



Figura 2 Maeve carregando a filha morta.

Fonte: Westworld, 2016.

Após esse momento, algo nas configurações de Maeve muda, e seus programadores não possuem mais total controle da personagem. A consciência da morte da filha aflora um sentimento materno em Maeve, dando-lhe vida por alguns instantes. Segundo Vidal (2005, p. 68) “[o] pensar materno traduz-se em uma prática de cuidado, desdobrada mediante o amor de proteção, o apoio do outro em seu crescimento e os sistemas de atenção à vida”. Esse pensar materno apresentado por Vidal, fornece a Maeve a característica necessária para a mudança: “Por favor... Essa dor é tudo que me resta dela... Por favor” (Trace Decay, 2016, 00:53:35 min).

Antes de ser desligada, Maeve implora para permanecer com as memórias de sua filha, a fim de manter sua condição de mãe. Porém, como protocolo, ela deve ser restaurada. No entanto, essas memórias, um ano depois, aparecem como sonhos, e afloram novamente uma revolta na personagem.

Maeve tem seu despertar para a maternidade por meio da dor. Esse despertar é também para a sua humanização, uma forma de assemelhar-se aos seus criadores. E, de certa forma, superá-los, pois sua resistência e habilidades são infinitamente melhores.

Neste ponto a ficção científica permite refletir sobre os avanços tecnológicos presentes na série, e o caminho da desumanização que a sociedade tem percorrido. Ao atribuir demasiadas características humanas aos robôs, confunde-se alguns princípios morais e éticos. Como por parte dos funcionários do parque que em alguns momentos questionam-se sobre ser ou não um anfitrião, e o que é certo ou errado fazer com eles.

A dor aqui aparece como um momento e estado da maternidade, diferente dos níveis apresentados em *O Conto da Aia*. Neste texto observamos o sofrimento como uma força presente na figura materna, o sentimento de ir além. Mesmo na maternidade forçada em um robô, as características maternas criam raízes, e transformam-se em caminhos para a liberdade da personagem.

Embora diferentes na construção corporal, a condição de mãe une as personagens, e influenciam a construção de suas narrativas. Diante das diferentes condições do “ser mulher”, as personagens, apresentam origens e destinos diferentes, representando mesmo que em diferentes contextos o ideário da imagem da mulher é questionado. A maternidade, então, surge como uma forma de resistência ao sistema.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os níveis n' *O Conto da Aia* e o despertar da maternidade por meio da dor em *Westworld*, apresentam as formas que a maternidade pode ser explorada nestes textos, além de como elas afetam a condição feminina e seus aspectos sócio-histórico-culturais. Nas obras, os avanços – ou regressões – tecnológicos resultam na forma como o tema é explorado ao longo da narrativa.

Em *Westworld* a criação da vida artificial é alcançada, mas com ela vêm inúmeras consequências que fogem do controle dos administradores e técnicos. E como consequência também, a integração dos robôs no dia-a-dia da empresa revelou desconfiança por parte dos humanos em descobrir entre seus colegas quem era semelhante ou um robô. A diferença entre ambos estava presente apenas na tomada da consciência, o que depois se mostrou questionável também no pequeno fluxo consciente que a personagem Maeve obteve.

Em *O Conto da Aia* também temos uma sociedade futurística, mas sem os avanços tecnológicos. Pelo contrário, ocorre uma regressão nos padrões que o mundo estava percorrendo. O regresso não aparece apenas nos setores estruturais do país, mas na vida das pessoas, especialmente, na vida das mulheres.

O patriarcado e a repressão feminina aparecem como aspectos principais nessa nova sociedade. As mulheres são classificadas exclusivamente pelas suas condições biológicas. Neste sentido, as férteis são obrigadas a servir a nação como reprodutoras e somente isso.

A maternidade nos dois textos aparece como reflexos da contemporaneidade, ou seja, possíveis resultados de um caminho que a atual sociedade pode seguir. Um caminho de volta, quando regredir resultará na dominação masculina, e na falsa valorização das características biológicas femininas, ou seguir com os avanços tecnológicos e explorar os limites da mente e das tecnologias, mas deparar-se com a liberalidade extrema e a desvalorização do ser humano frente às máquinas.

Esse mundo pós-moderno é apresentado pelo filósofo Gilles Lipovetsky, em *A Era do Vazio* (2009) – livros de ensaios escritos pelo autor acerca do individualismo contemporâneo. Essa característica do mundo pós-moderno aparece como uma extrema valorização do indivíduo como soberano em relação a si e as leis:

Mas foi igualmente a extensão da economia de mercado, a generalização do sistema do valor de troca, que permitiu o nascimento do indivíduo

atomizado tendo como finalidade uma busca cada vez mais afirmada como tal de seu interesse privado. À medida que as terras se compram e se vendem, que a propriedade fundiária se torna uma realidade social largamente difundida, que as trocas mercantis, o salariado, a industrialização e as deslocamentos populacionais se desenvolvem, produz-se uma transformação das relações do homem com a comunidade que o enquadra, uma mutação que se pode resumir numa palavra, individualismo, caminhando a par de uma aspiração sem precedentes pelo dinheiro, a intimidade, o bem estar, a propriedade, a segurança, e subvertendo incontestavelmente a organização social tradicional. (LIPOVETSKY, 2009, p. 180).

Essa mutação da sociedade destaca-se de diferentes maneiras nas narrativas, mas é esse individualismo que gera os problemas que as personagens tiveram de enfrentar em suas narrativas. Em *O Conto da Aia*, decorrente do individualismo de um determinado grupo, estabeleceu-se o princípio de viver e prolar dos dominantes na sociedade. Enquanto em *Westworld*, cada um vive para si próprio, sem medir o resultado de suas ações na vida do outro.

Para finalizar, ao olhar essas características presentes nas ficções, pode-se pensar nelas como a desconstrução da sociedade atual. No entanto, esses textos surgem como reflexos do mundo moderno e do caminho que este percorre, despertando as pessoas para transformar seu modo de vida e permitir reescrever o futuro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn Rosalina Gama; SOUZA, Maria Carmem. Anfitriões: delineando o conceito de pós-humano na série televisiva *Westworld*. Dossiê – **Trabalhos de Linguística Aplicada**. Campinas, v. 58, n. 2, p. 719-742, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8655199>. Acesso em: maio, 2019

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD, Margaret. Entrevista por Andrea Aguilar. *El País*, Londres: Setembro 13, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/cultura/1567786560_937893.html. Acesso em: out, 2019.

BERTENS, Hans. **The idea of the postmodern: a history**. Londres e Nova York: Routledge, 1995.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Millet. 2ª edição. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967.

CUNHA, Marcus V. D. **Freud: psicanálise e educação**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.

FIDALSKI, Ana C. I.; FEITOSA, Heitor, F. G. O limite da mente em *Westworld*: uma análise sob a perspectiva do Pós-Humanismo e McLuhan. In: **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Curitiba, PR, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2523-1.pdf>. Acesso em: maio, 2019

GRECCA, Gabriela Bruschini. O feminino como excesso obscuro em *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood – **Revista Travessias**. Cascavel, v. 12 n. 2, p. 44-59, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/19763>. Acesso em: maio, 2019

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 14 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HOSSNE, Andrea S. **Bovarismo e Romance: Madame Bovary e Lady Oracle**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2000.

LIMA, Lucas Ferreira Mazete; CALLEGARI, Milena Caetano Cunha. Representatividade feminina na política: lições retiradas de *O Conto da Aia* de Margaret Atwood. In: **Anais do VI CIDIL – As ilusões da verdade e as narrativas processuais – RDL**, v. 1, p. 233-248, ago. 2018. Disponível em: <http://rdl.org.br/seer/index.php/anacidil/article/view/378>. Acesso em: maio, 2019

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2009

MOURA, Solange M. S. R. de; ARAUJO, Maria de F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia ciência e profissão**. Brasília, v. 24 n.1, p. 44-55, mar. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100006. Acesso em: ago, 2019.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Corrêa. 2 ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

SILVA, Cecília de Almeida; SILVA, Simone Oliveira Flores da. Biopolítica e repressão feminina: configurações da reprodução humana no romance distópico *O Conto da Aia* de Margaret Atwood. In: **Anais do VI CIDIL – As Ilusões da Verdade e as Narrativas Processuais**. Porto Alegre, RS, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/m_wic/Downloads/390-1361-1-PB.pdf. Acesso em: maio, 2019

VIDAL, Marciano. **Feminiismo e ética**: como “feminizar” a moral. Tradução de Maria J. Rosado. São Paulo: Edição Loyola, 2005.

WESTWORLD. Direção: Jonathan Nolan e Lisa Joy. Adaptação do filme homônimo de Michael Crichton. Produção: Jonathan Nolan, Lisa Joy, Bryan Burk, Jerry Weintraub e J. J. Abrams. Intérpretes: Evan Rachel Wood, Thandie Newton, Jeffrey Wright, James Marsden, Ingrid Bolsø Berdal, Luke Hemsworth *et al.* Roteiro: Jonathan Nolan e Lisa Joy. [S. l.]: HBO Entertainment; Kilter Films; Bad Robot Productions; Jerry Weintraub Productions (1ª temporada); Warner Bros. Television, 2016-. 2 Temporadas; 20 episódios (média de 57-91 min), son., color.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ZUKOSKI, Ana Maria Soares; TARDIVO, André Eduardo. “Bendito seja o fruto” / “que o senhor possa abrir”: distopia, religiosidade e repressão em *O conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**. Crato, v. 7, n. 1, p. 267-284, jan./abr. 2018. Disponível em: file:///C:/Users/m_wic/Downloads/1592-5283-1-PB.pdf. Acesso em: maio, 2019.